



TEATRO  
NACIONAL  
D. MARIA II

Cláudia Lucas Chéu

# GLÓRIA

OU COMO PENÉLOPE MORREU DE TÉDIO

BICHODOMATO

Copyright © 2011, Cláudia Lucas Chéu

Revisão: Conceição Candeias

Paginação: BdM

Concepção gráfica da colecção: Patrícia Flôr

Local e data de edição: Lisboa, 2011

Impressão e acabamento: Digital XXI

Depósito Legal: 321165/10

ISBN: 978-989-8349-12-5

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob qualquer forma (electrónica, mecânica, fotocópia, etc.) sem a prévia autorização da editora e do Teatro Nacional D. Maria II.

[www.bicho-do-mato.pt](http://www.bicho-do-mato.pt)

# GLÓRIA

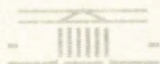
OU COMO PENÉLOPE MORREU DE TÉDIO

DE **Cláudia Lucas Chéu**

seguida de

## POLTRONA

MONÓLOGO PARA UMA MULHER



TEATRO  
NACIONAL  
D. MARIA II

BICHODOMATO

# GLÓRIA

OU COMO PENÉLOPE MORREU DE TÉDIO

*Glória ou como Penélope Morreu de Tédio* estreou na Sala Estúdio do TNDM II,  
a 6 de Janeiro de 2010, com encenação de Cláudia Lucas Chéu  
e interpretações de

PATHOS Albano Jerónimo  
um filho a registar a mãe

CORO DE VELHAS Grupo de Teatro Comunitário  
um grupo de senhoras cantadeiras As Avozinhas de Palmela

MENINO Samuel Branco / Martim Barbeiro  
uma criança gulosa

## Zona Um

*Um homem, Pathos, está em cena. A tricotar um longo pano numa só cor. Está sentado numa cadeira. O espaço é uma sala, fechada. No pano disposto como a vela de um navio está projectado o mar e em toda a sala se escuta o ruído branco deste, quase imperceptível. Silêncio interior. Começa a ouvir-se o som das agulhas de Pathos a tricotar.*

PATHOS

Meté

dá laçada

tira pra liga

meté

dá laçada

tira

meté dá laçada tira pra liga meté dá laçada

tira pra liga meté dá laçada tira meté dá laçada tira pra liga

meté

mafalda mafalda adriana ana joana joana inês daniela vanda

tucha milady

glória

onde é que elas estão onde é que elas

o meu pai não

o meu pai nunca me chamava lola

o meu pai chamava-me maria da glória  
mesmo quando me mandou atirar ao mar  
por ser uma bastarda  
mesmo quando me mandou atirar ao mar  
e eu comecei a chorar com a boca toda e quase gritei palavras  
mas ainda  
nem sabia dizê-las  
maria da glória ao mar ao mar  
aqui estou  
aqui  
antes dos onze não me lembro de nada nicles népia niente  
tenho uma névoa na cabeça um buraco em vez de memória  
das fotografias que restam não me reconheço em nenhuma  
delas  
nem uma  
um estranho aos seis um estranho aos sete aos oito aos nove  
aos dez  
nada  
aquele puto de cabelo encaracolado a sorrir não sou eu  
eu era ruivo?  
não sei quem seja  
os olhos não são meus nem a boca nem o nariz nem o corpo  
nem a camisa de flanela aos quadrados verde-escura  
nem a voz que imagino ter  
sei que nada é meu como meu não será este corpo  
daqui a vinte trinta anos

mas onde é que elas estão  
aqui  
agora  
o momento que agora era já passou puf  
já foi foi-se não existe aquilo a que chamamos presente  
a minha mãe ma mère maman  
lembras-te do dia em que me deste aquele embrulho  
não estava embrulhado o meu futuro no parapeito da chaminé  
ué ué ué ué ué a sirene dos bombeiros já tocava alto mesmo  
antes de eu ter dado  
por ela saí descalço do quarto e fui direito a ela cheio de  
excitação e medo  
cheio de excitação e medo  
e ela estava lá  
vermelha a brilhar na manhã de sábado  
passei os dias a olhar pra ela e a brincar  
sozinho  
mas  
mas onde é que estas putas foram  
deixei de usar pink lotion em creme quando me começou a  
crescer a barba  
olhava para o espelho com aquela ansiedade de quem não se  
reconhece e ficava  
deslumbrado com a imagem viril que me devolvia a imagem  
depois o cheiro  
o meu cheiro a suor lavado e a pele vibrante do jovem macho